

Editorial

O FUTURO
EM RISCO

Não era preciso que uma das maiores universidades do país afirmasse, mas a verdade é que a educação brasileira está em risco de sofrer um colapso, nos próximos anos, por falta de professores para algumas matérias básicas.

Só 25% dos docentes de física na rede fundamental de ensino têm formação na área, declara um professor da UFMG. A universidade forma, hoje, metade dos educadores que formava há dez anos.

A licenciatura é a modalidade da graduação que prepara os estudantes para a docência. Na UFMG, ela vem se reduzindo gradativamente. Mantida a atual tendência, em cinco anos, ninguém se formará professor, afirma um estudo.

A redução se dá na procura, isto é, na pouca demanda dos cursos. Depois, na evasão de alunos que se abandonam. Finalmente, entre aqueles que se formam, poucos serão os que pretendem realmente dar aulas.

As razões do crescente desinteresse dos estudantes pela docência são conhecidas: o baixo nível das remunerações que são oferecidas, as condições difíceis do ambiente laboral e a falta de prestígio social da profissão.

O futuro está em risco. As futuras gerações são formadas por meio da educação. Para o país ter profissionais das mais diferentes atividades, depende da existência de professores comprometidos com a docência.

É o caso, certamente, dos 135 mil professores da rede estadual, que há sete anos, por meio, inclusive, de greves, vinham lutando pelo pagamento do piso nacional. Eles lograram fazer um acordo com o governo estadual.

Pelo acordo, eles vão ganhar R\$ 1.917,78 até 2017 para trabalhar 24 horas semanais. Como o piso nacional é para uma jornada de 40 horas, eles estão tendo um aumento de salário. Ganham mais por menos trabalho.

Trata-se de uma solução, mas temporária. Não vai demorar os professores voltarem às ruas, como ocorre em outros Estados. Enquanto a educação tiver tratamento apenas local, em vez de ser um projeto nacional, não sairemos do lugar.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolli
PRESIDENTE Laura Mediolli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

CONTAS

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Benditos e incelenças
para celebrar Djalma Filho

O amado sempre está presente, pois é fonte de inspiração

No dia 10 de maio enterrei meu irmão de alma e compadre Djalma Tenório Britto Filho, um procurador/artista de muitos dons – o seu Di, Didico, tio Didi e o vovô “Fidalma”, com quem minha neta Clarinha teve o privilégio de conviver.

É significativo que faleceu quase no dia da Abolição da Escravatura (13 de maio), fixação dele quando líamos em “A Pacotilha” os anúncios de fugas de escravos e ofertas de serviços de escravos (cozinheiras, banqueteiras, lava-deiras, costureiras, amas de leite...). Nós dois lemos a coleção completa de “A Pacotilha”!

Seu Di sabia muito sobre a escravidão e admirava “negros fujões”. Dizia estarecido: “Vieram nos navios negreiros, do século XVI ao XIX, cerca de 5 milhões de escravos, e uns 300 mil morreram na travessia”.

Criou um mantra de duplo sentido: eu estudava medicina, e os negros ficaram ao léu, tudo por “culpa da princesa” (Isabel)! “Eita, comadre de sorte! Se tivesse nascido nesse tempo, estava aqui, em ‘A Pacotilha’, nos anúncios de negras fugidas; danada como és, teria sido uma negra fujona. Agora, está aí toda ‘porloche’ estudando medicina, minha rosa”.

Foi de beleza única que o cortejo do seu enterro tenha passado onde ele escreveu que tinha a alma acorrentada: a mansão Serra Negra. Chorei. Ele foi por ali para desacorrentar a sua alma!

Eis o seu “Canto à Mansão Serra Negra”: “Daqui, de longe, te vislumbro./ Alquebrado pelo tempo, mas ainda tão imponente e forte./ A emoção flui, incessantemente, por imaginar que terei

que te abandonar, a contragosto. Daqui, de longe, recordo./ Foste, sempre, o abrigo seguro de todas as boas e não tão boas, assim, recordações de minha vida./ A infância magnífica, a adolescência mansa e a fase adulta vitoriosa foram, contigo, partilhadas./ As brincadeiras, os encontros com amigos, a fase namoradeira, a chegada do primeiro filho, as festas./ os bate-papos animados sob a luz da lua no jardim, sempre por ti acatados, sem reclamações./ Porto seguro quando batiam as angústias da vida e as vitórias das batalhas diárias. Anos e

Sabia muito sobre a escravidão. Dizia: “Vieram nos navios negreiros cerca de 5 milhões de escravos, e uns 300 mil morreram na travessia”.

anos, a fio, e tu, lá./ Daqui, de longe, te vendo, o silêncio é a melhor frase. A tristeza em deixar-te./ Fecho o imenso portão de ferro batido. Ao trancar o cadeado, despeço-me de ti, velho casarão da minha vida”.

Ele esclareceu: “A mansão Serra Negra foi a morada do meu avô Gonçalo Moreira Lima e da minha avó Rosila (Lili) Coelho Moreira Lima, em São Luís, que a compraram do ex-governador Saturnino Belo, nos anos 50. Fica no antigo Campo de Ourique, hoje Parque Urbano Santos, 541. Posso dizer que fui criado lá, pois lá vivi parte de minha infância, toda a adolescência e juventude e parte da idade adulta. De lá só saí para

a minha própria casa. Lá foi criado o meu filho Ricardo, desde que nasceu. Irremediavelmente, tenho a minha alma acorrentada lá, pois eu amo aquele lugar, a casa, o quintal com suas fruteiras, o jardim... Em cada lugar há um pedaço do meu coração... (Djalma Britto, São Luís, 27.2.2008)”.

Escrevi num e-mail: “Seu Di muito amado, a mansão Serra Negra ficará para sempre em nossos corações... Impossível ter morado ali, como eu, por muitos anos e não sentir um calafrio no corpo quando se passa pela porta... Fico com um nó na garganta... Aquela casa também é sagrada para mim...”

“Muitas ambientações em ‘A Hora do Angelus’ foram inspiradas na mansão Serra Negra. É óbvio, quando a gente escreve ficção, o conhecido e amado sempre está presente, pois é fonte de inspiração. Meu querido irmão, eu te amo! Beijos, Fátima”.

